

A COMENDA DO ALEIJADINHO EM CONGONHAS DO CAMPO

SÁLVIO DE FIGUEIREDO TEIXEIRA

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça
e do Tribunal Superior Eleitoral*

Sinceramente feliz, nesta noite de festa e celebrações, revendo amigos e a beleza bucólica que nos rodeiam, recordo os cinco saudosos anos em que, como Juiz de Direito, pertenci a esta inesquecível Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo.

Estar aqui neste santuário, no dorso das Serras do Rola-Moça e do Mascate, onde ainda teimam em crescer e florescer as orquídeas, as candeias, as samambaias e os jacarandás - e onde se ouvem o curió, o canarinho-da-terra e o pintassilgo -, já é, por si, devaneio e condecoração que enchem o coração e a alma da gente.

Razão assistiu ao poeta Emílio Moura, cujo centenário de nascimento ora se celebra, quando, em uma de suas felizes inspirações lançou estes versos no poema "Congonhas do Campo".

O silêncio da tarde é sem limites.
Os profetas sonham,
o adro recende a eternidade,
a alma recua.
Tudo retorna à sua origem.
Tudo é eterno.

Também Carlos Drummond de Andrade, irmão de alma e de centenário do Vate de Dores do Indaiá, emocionou-se um dia nestas



<http://bdjur.stj.gov.br>

TEIXEIRA, Sálvio de Figueiredo. A Comenda de Aleijadinho em Congonhas do Campo.

Revista do Instituto dos Advogados de Minas Gerais, Minas Gerais, n.10, p.363-365, 2004.

paragens e, com sua pena de cronista a rivalizar sempre com sua veia de poeta, desta maneira se expressou, ao contemplar o cenário monumental dos Profetas, em que a mão sofrida do homem ornamentou a paisagem criada por Deus:

Aí onde os pôs a mão genial
de António Francisco, em perfeita
comunhão com o adro, o santuário,
a paisagem toda - magníficos,
terríveis, graves e ternos –
eles falam de coisas do
mundo que, na linguagem
das escrituras, se vão
transformando em símbolos.

Com sua admirável sensibilidade e raro talento, por sua vez, em 1975, assim escreveu Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza, ao retratar o seu encontro com os Profetas que aqui habitam:

Subo os primeiros degraus que conduzem ao templo e logo me encontro com **Isaías**, sábio e taciturno, a cabeça coberta por um capuz, a dizer da brasa que lhe foi colocada nos lábios por um serafim. **Jeremias**, a seu lado, dominado pela angústia, chora a derrota da Judéia e a ruína de Jerusalém. **Baruc**, as pupilas entalhadas em relevo, prediz a vinda de Cristo na carne, e avisa aos fiéis sobre o fim do mundo. O vigoroso **Ezequiel** esmurra o ar e, numa contorção apocalíptica, descreve as rodas terríveis e os quatro animais em meio às chamas. **Daniel**, ciente de sua força, traz no barrete os louros da vitória sobre o leão, que se aninha docemente a seus pés. O admirável **Oséias**, empunha a pena e confessa ter aceitado a adúltera, a quem fez sua esposa e mãe de seus filhos. **Jonas**, olhando para o alto, a boca entreaberta, recebe em cheio a claridade do céu de Congonhas e parece agradecer a Deus por se ver livre da escuridão do ventre da baleia. **Joel** alerta os judeus sobre a fome que virá com as pragas da lavoura. **Amós**, o jovem pastor, na extrema-esquerda do adro (pura coincidência), rebela-se contra as impassíveis vacas gordas e os próceres que vexam e agravam a pobreza. Com o olhar perdido no horizonte, o velho **Naum**, pessimista e cansado, quer a destruição de toda a Assíria, a fim de que o bem ressurgja do pó. **Abdias**, assustadoramente atual, adverte as nações em

conflito e, com o braço direito estendido para o céu, rege o espetáculo, de parceria com **Habacuc**, que levanta a mão esquerda e acusa os tiranos, mas canta em Salmos o Deus que alimenta.

Ao lado dessa dramatização majestosa, trágica e pétrea do **Velho Testamento**, Congonhas, ou mais poeticamente Congonhas do Campo, oferece-nos também o milagre redentor do **Novo Testamento**, no cedro policromado, entalhado pelo cinzel do Aleijadinho e encarnado pelos pincéis de Manuel da Costa Athayde e de Francisco Xavier Carneiro, nos Passos da Paixão.

Nesta noite memorável, entre estrelas, rojões e as luzes que sobem os morros e emolduram esta cidade, suas ruas e ladeiras, todos nos sentimos muito felizes, emocionados e agradecidos, provavelmente mais que em outras ocasiões, por recebermos, neste cenário incomparável, patrimônio de arte e de fé, a comenda "**Antônio Francisco Lisboa**", o Aleijadinho.

O patrono desta condecoração, no perfil que lhe fez Ângelo Oswaldo, é

[...] o maior artista brasileiro de todos os tempos, filho da escrava africana e do arquiteto português, união das bases culturais de Minas e do Brasil, com um luso-africano -brasileiro que alcançou, no plano mundial, expressão que o situa entre os grandes mestres, conforme reconheceu a Unesco.

Por tudo isso, **agradecemos**, mesmo sabendo, como se expressou John Masefield, que, "o que a gentileza livremente oferece, agradecimentos não podem pagar" (thanks cannot pay, what kindness freely gives).

Com efeito, contemplados com tantos gestos de fraternura pela gente desta terra, como os versos de Camões, em nome de todos os homenageados, poderia dizer-vos, ao concluir:

Assim que a vida e alma e esperança,
E tudo quanto tenho, tudo é vosso;
E o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

Congonhas, 30.8.2002